

Higiene é preocupação recente

Brasília — O alto índice de infecção hospitalar — que incluiu este mês 14 crianças do Hospital Regional de Taguatinga na lista dos 35 mil óbitos anuais causados por esse mal — só passou a ser combatido mais seriamente, pelo Ministério da Saúde, com a morte do presidente Tancredo Neves, em 21 de abril, quando o ministro Carlos Sant'ana desengavetou o Projeto de Capacitação de Pessoal para o Controle de Infecção Hospitalar, que desde 1984 estava esquecido na Secretaria de Recursos Humanos.

O projeto passou a treinar 4 mil 200 profissionais de nível superior dos hospitais brasileiros, e eles este ano passarão seus conhecimentos a outros profissionais, reativando também as comissões criadas em todos os hospitais, por exigência de uma portaria assinada pelo ex-ministro da Saúde, Waldyr Arcoverde.

— Tais comissões jamais saíram do papel — diz o ministro Carlos Sant'ana. Elas só deram resultado nos hospitais que já se preocupavam com este mal e que “não chegam a dez”, segundo o microbiologista Uriel Zanon.

Assessores do ministro Carlos Sant'ana adiantam que os resultados levarão ainda dois anos, porque as comissões

que fiscalizam o mal tão cedo não terão competência para implantar sistemas de vigilância epidemiológica que lhes permita equacionar o problema em cada hospital.

Os assessores do ministro, sempre que se aprofundam na pesquisa do problema, esbarram em obstáculos colocados pelos hospitais, que subestimam, propositadamente, os índices que atingem a infecção hospitalar.

— Merece mais credibilidade um hospital que não esconde a altas taxas de infecção, porque mostra sua preocupação em combatê-la — afirma o chefe da comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital de Base de Brasília, Eurico Aguiar. Foi nesse hospital que o presidente Tancredo Neves contraiu a infecção após cirurgia para extração de um tumor.

— O brasileiro, em geral, tem uma enorme preocupação com os números. Na maioria das vezes, não quer dizer nada, e acaba por não contribuir para o controle efetivo do mal — acrescenta Eurico Aguiar. A direção do Hospital Regional de Taguatinga, por exemplo, só acusou a morte de seis crianças por infecção hospitalar depois de o mal já ter matado 14.